

SÃO LUÍS DO MARANHÃO, A JAMAICA BRASILEIRA E OUTROS DISCURSOS

SÃO LUÍS – MARANHÃO, BRAZILIAN JAMAICA AND OTHER DISCOURSES

Mônica da Silva Cruz
Doutora em Linguística
Universidade Federal do Maranhão
(monicasc.cruz@ig.com.br)

Cristiano de Sousa Correia¹
Graduando em Letras e Psicologia
Universidade Federal do Maranhão
(cristianosousac@hotmail.com)

RESUMO: Este artigo busca analisar discursos transversos sobre a identidade de São Luís como a Capital brasileira do *reggae*; problematiza o lugar da Jamaica Brasileira nas identidades que constituem a cidade de São Luís; avalia jogos de poderes que estão nas bases da produção desse discurso que constrói tal identificação para São Luís. Serão mobilizados alguns princípios da Análise do Discurso de matiz foucaultiana, o conceito de sociedade em rede, de Castells (2007); estudos antropológicos de Silva (1995) e Freire (2010) e o conceito de identidade, derivado dos Estudos Culturais, em especial o de Hall (2006). Este texto é um recorte de uma pesquisa vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC-UFMA) e articula-se a um projeto maior - “A construção das identidades de São Luís em *sites brasileiros* de Turismo”, cuja finalidade é avaliar a construção das identidades de São Luís e as tecnologias de informação. O *corpus* que aqui avaliamos se constitui de textos de *sites* e da Secretaria de Turismo, de São Luís, que fazem a divulgação da capital como um lugar atraente e agradável para ser visitado.

Palavras-chave: Discurso; Identidade; Jamaica brasileira

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze the transverse discourses about the identity of São Luis as the Brazilian capital of reggae; it problematizes the Brazilian Jamaica place on the identities that constitute the city of São Luis; it evaluates the games of power which are on the production basis of this speech that builds such identification to São Luis. Some principles of the Discourse Analysis of foucaultian hue will be mobilized, the concept of society in connection, from Castells (2007); anthropological studies of Silva (1995) and Freire (2010) and the concept of identity, derived from the Cultural Studies, especially the one from Hall (2006). This text is an extract of a research linked to the Institutional Program of Scholarships of Scientific Initiation (PIBIC- UFMA) and it is linked to a bigger project - “The construction of São Luis’ identities in touristy Brazilian websites” whose purpose is to evaluate the construction of the identities in São Luis and the information technologies. The corpus we evaluate here is constituted by texts of websites and of Tourism Secretary of São Luís, which advertise São Luis as an attractive and agreeable place to be visited.

Key-words: Discourse; Identity; Brazilian Jamaica

O objetivo deste texto é analisar discursos transversos sobre a identidade de São Luís como a Capital Brasileira do *Reggae*. Os princípios teóricos que

¹ Bolsista do PIBIC-UFMA

norteiam as reflexões se aportam principalmente na Análise do Discurso de linha francesa (AD), empreendimento que tem entre suas várias tarefas entender, a partir de uma perspectiva não imanentista da linguagem, como o homem produz sentido e de que forma esses sentidos se materializam, constituem-se e circulam em dado momento. Para a AD, o homem, por meio de múltiplas formas de comunicação, é fadado a significar; e nessa perspectiva, o processo de significação se instaura linguística e historicamente. De caráter transdisciplinar, a AD caracteriza-se, sobretudo, por uma composição complexa de saberes articulados para a compreensão do funcionamento dos discursos. Assim, é preciso buscar, no campo da investigação discursiva, as questões que emergem nas tramas da propagação de uma São Luís – Jamaica Brasileira, construída simbolicamente por uma rede de sentidos que nascem de diferentes lugares, como o turismo, a história e a mídia. Aos conceitos propostos pela AD, derivada de Pêcheux, associam-se empreitadas teóricas do filósofo Michel Foucault, autor que discute a construção das identidades como fruto de movimentos discursivos, delineados ao longo da história.

Dessa forma, partimos da observação de que algumas cidades têm sua identidade construída a partir de discursos que são engendrados para lhes imprimir certas marcas. São Luís, capital do Maranhão, por exemplo, possui entre suas várias identidades o emblema de Jamaica Brasileira e Capital Brasileira do *Reggae* - denominações que surgem a partir de uma discursividade que propõe semelhanças culturais entre a cidade de São Luís e a Jamaica, pela intensa identificação que ambas têm com o *reggae*. A simpatia de parte dos ludovicenses pelo *reggae* gerou certas singularidades à capital, como o fato de dançar *reggae* a dois, diferentemente da maneira como é dançado no restante do país.

De acordo com vários estudos já realizados, entre os quais Silva (1995); Silva (2007), Freire (2010), essa identidade emerge na capital nordestina no início dos anos 70, ou, pelo menos, começa a ser notada nessa década, e se consolida por meio de práticas culturais promovidas pela juventude negra da periferia da cidade. O agenciamento do *reggae* como uma das identidades ludovicenses ganha força e notoriedade por meio de vários dispositivos discursivos como comentários em jornais, revistas, programas de rádio, canções, festivais, e por meio da construção de certos espaços, como os clubes de *reggae* espalhados por toda cidade. Embora esse discurso propague a cidade de São Luís como Capital

Brasileira do *reggae* é preciso pontuar que nem todos os ludovicenses se veem nessa identidade, e muitos contradiscursos emergem nas margens do que é dito a esse respeito. À noção de Jamaica Brasileira ou Capital do *reggae* opõem-se outras identidades, como as identidades de Atenas Brasileira, em que se abrigam sujeitos intelectuais, de nível econômico mais elevado etc., ou a única capital brasileira que nasceu francesa. O descompasso surge, entre outros fatores, da ideia de que à cultura regueira associa-se uma representação de manifestação de periferia, cujas origens estão em um país caribenho, com população majoritariamente negra e pobre (fato não muito distante da realidade de São Luís).

As resistências tradicionais que se levantaram diante da perspectiva de incorporação do *reggae* à cultura de São Luís e, portanto, constituinte da identidade dos ludovicenses, não foram capazes de impedir esse movimento. Como afirma Freire (2010, p. 13):

Apesar dos protestos que ocorrem até hoje, a ‘Jamaica’ foi ganhando força ao longo dos anos 1980 e 1990. Divulgada entre os fãs do ritmo, nas festas, nos salões de *reggae* da cidade, e massificada pelos programas de rádio e televisão especializados no ritmo (arrendado pelos empresários do ramo), a expressão ‘Jamaica brasileira’ foi sendo incorporada ao imaginário do ludovicense, adotada pelos demais meios de comunicação de massa, pelo discurso turístico e até pelos órgãos governamentais.

Com o fortalecimento da indústria do Turismo, no Maranhão, as mudanças nos conceitos de História, memória, documento (CERTEAU, 2008), bem como os novos olhares sobre a ideia patrimônio (ABREU, 2003), o *reggae* tomou força e notoriedade a ponto de se tornar um dos alvos das empresas de entretenimento e pela própria Secretaria de Turismo, de São Luís, como um produto turístico rentável e atrativo.

O processo de transformação da cultura regueira em mercadoria a ser vendida como um atrativo a mais para a visitação de São Luís obedeceu a critérios para a manutenção dos “reais” interesses da cadeia produtiva do turismo. Nesse sentido, certos aspectos do *reggae* foram generalizados e ressaltados de tal maneira que distorceram algumas características da cultura regueira e outros aspectos foram totalmente silenciados a fim de mascarar e ocultar certas faces dessa manifestação.

Nesse processo, é indiscutível o papel das mídias, que agem articuladamente na construção das identidades na modernidade, entendendo-as não apenas como suporte de uma mensagem (LEVY, 1999) que de maneira homogênea e estável apenas comunica, mas antes, como um agente direto de (des)subjetivação não somente pelo conteúdo que veicula, mas também pela sua própria formatação, pela forma como está configurada. Pensando desta maneira, a internet é, na modernidade tardia (BERMAN, 2007), a mídia com maior potencial para (des)construir identidades de forma bastante eficiente, devido seu cabedal de conteúdos consideravelmente extenso, dado que todo mundo está conectado à internet e compartilha a maior parte do que nela está hospedado. É também pela sua forma de interatividade que ela permite uma maior interação entre diferentes espaços por meio da velocidade do tempo. Por ser virtual, a desterritorialidade típica da internet, segundo Levy (1999), é capaz de produzir inúmeras manifestações palpáveis em locais distintos, sem necessariamente o fator desencadeante estar presente, e tudo isso num espaço mínimo de tempo, ideia semelhante à de Bhabha (2007), ao referir-se à desterritorialização da cultura, situando-a não mais em um ponto fixo, mas em um entre-lugar, para referir-se a culturas híbridas. Esta quase onipresença e versatilidade conferem aos discursos que circulam através da internet uma potencialidade e penetrabilidade na produção de discursos identitários por meio de uma lógica discursiva que delibera o que pode e o que não pode ser dito de maneira organizada, pois como afirma Foucault (1999) “a forma de circulação do discurso nunca é aleatória, ela é sempre controlada por inúmeros mecanismos de poder”, uma vez que tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente (FOUCAULT, 1999).

Não podemos esquecer que a globalização é fator condicionante de todo esse processo, sendo que a emergência da globalização é entendida por Ianni (1997) como proponente de uma ressignificação de elementos fundamentais para a discussão sobre identidade, tais como indivíduo, sociedade, modos de vidas, formas de cultura, etnia e minoria. Essas transformações são advindas da nova configuração das relações entre tempo e espaço em que:

As referências habituais na constituição do indivíduo, compreendendo língua, dialeto, religião, seita, história, tradições, heróis, santos, monumentos, ruínas, hinos, bandeiras e outros elementos culturais são complementadas, impregnadas ou

recobertas por padrões valores, ideais, signos e símbolos em circulação mundial. (IANNI, 1997, p. 111-112).

A temporalidade da sociedade pós-moderna é chamada por Castells (2007, p. 556) de *tempo intemporal*, e esta ocorre quando:

As características de um dado contexto, ou seja, o paradigma informacional e a sociedade em rede causam confusão sistêmica na ordem seqüencial dos fenômenos sucedidos naquele contexto.

A confusão citada por Castells tende a comprimir a ocorrência dos fenômenos com o intuito de tornar as relações instantâneas. Toda essa mistura de ocorrências temporais é a tendência do tempo da sociedade em rede (CASTELLS, 2007). A intemporalidade pertence ao espaço de fluxos que não é o espaço de todos. Alguns indivíduos são selecionados para estar neste espaço, onde o tempo praticamente não existe. Esse indivíduo pode desfrutar de recursos simultaneamente, porém nem todos os indivíduos estão inseridos no espaço de fluxos, a temporalidade para estes está determinada pelo espaço o qual ocupa. O tempo toma, assim, o caminho contrário da intemporalidade, agora marcado pela sua ordem e restrito a seu espaço.

A relação dual entre espaço e tempo em que existem duas tendências de relação só foi possível devido à nova lógica global, que se por um lado homogeneiza através da superação do espaço, pela intemporalidade do tempo, também em certos espaços, atrela-se necessariamente às questões espaciais.

As funções dominantes são organizadas em rede próprias de um espaço de fluxos que as liga em todo mundo, ao mesmo tempo em que fragmenta funções subordinadas e pessoas no espaço de lugares múltiplos, feitos de locais cada vez mais segregados e deslocados uns dos outros. O tempo intemporal parece ser o resultado da negação do tempo - passado e futuro - nas redes do espaço de fluxos. Enquanto isso o tempo cronológico, medido e avaliado de maneira diferencialmente para cada processo de acordo com sua posição na rede, continua a caracterizar as funções subordinadas e os locais específicos (CASTELLS, 2007, p. 572).

Segundo Freire (2010), a constituição do *reggae* na Jamaica foi proporcionada por um conjunto de influências musicais de diversas partes do mundo: a influência africana por meio dos sons *graves*; o *calipso*, típico de Trinidad e Tobago, as canções com estilo *folk*, típicas músicas inglesas. O *reggae* diante

destas influências e de outros ritmos que o precederam como o *mentho*, o *ska* e o *rock-steady* foi se construindo e se consolidando. A palavra *reggae* tem origem incerta, contudo, a primeira vez que foi registrada, segundo Silva (1995, p. 45), foi em 1967, em um disco chamado *Do The Reggae*, do grupo *Toots and Maytals*.

Existem três possíveis explicações da chegada do *reggae* ao Maranhão. Uma delas conta que, por volta do início dos anos 70, o *reggae* adentrou em terras maranhenses por meio dos discos comprados por discotecários de São Luís, em “feirões de discos” (pequenas lojas onde os discos eram vendidos a preços populares). José Ribamar da Conceição Macedo, apelidado de Riba, o primeiro a tocar *reggae* numa festa em São Luís, conforme SILVA (1995), afirma que a introdução do novo ritmo ocorreu de maneira gradativa, tendo em vista o gosto variado da população. Vários ritmos eram tocados pelas radiolas naquela época; merengue, bolero, forró são exemplos desse gosto musical variado. Outra versão (FREIRE, 2010) conta que os marinheiros vindos da Guiana Francesa que aportavam em Cururupu, cidade do Maranhão, não tinham dinheiro para pagar os seus gastos, para quitar suas dívidas (com prostitutas, comércio, alimentação) e utilizavam os seus discos de *reggae*. A terceira versão é a de que o *reggae* foi captado nas “ondas curtas dos rádios amadores, que conseguiam captar sinais de diversas regiões das Américas” (FREIRE, 2010).

Independente de como chegou, o *reggae* ganhou a simpatia dos frequentadores das festas, em São Luís. Ainda no relato de Riba (SILVA, 1995, p. 60) as pessoas gostavam “porque era música lenta”, essa preferência pode ser entendida pela cultura, já existente no Maranhão, antes da chegada do *reggae*, de dançar músicas como bolero, que possuem uma cadência mais lenta. Além de que a maioria dos ritmos tocados no Maranhão era dançada aos pares, isto explica a peculiaridade do *reggae* maranhense: a de ser dançado como dizem os regueiros - “agarradinho”.

Os passos de dança do *reggae* maranhense trazem influências marcantes do merengue, do forró e até do bolero. Paulo DJ, o “Professor Paulo”, colecionador de ritmos caribenhos, diz que São Luís não se dança *reggae*, mas sim um bolero afro, porque os passos do *reggae* estão muito próximos dos passos de dança do bolero, cujo bailado se dá com o casal agarrado (SILVA, 1995, p. 61).

Até agora, é perceptível o fato de que a aceitação do *reggae* no Maranhão não se deu *a priori* devido ao seu conteúdo ideológico, de contestação, de crítica, antes, sim, a aceitação teve como agente motivador as semelhanças musicais existentes entre o novo ritmo e os que aqui já existiam. Esta consciência será fomentada posteriormente, principalmente pelos locutores de programas de rádio voltados para a “massa regueira”.

Em São Luís, as pessoas estão ligadas apenas ao ritmo e não procuram se informar nem sequer sobre Bob Marley, que é considerado o mais importante cantor de *reggae* no mundo. Os apresentadores de programas de rádio têm papel importante neste processo de conscientização do regueiro (SILVA, 1995, p. 70-71).

Através da tradução das letras das músicas, explicação da história socio-política da Jamaica e divulgação nos programas, locutores como Ademar Danilo e Fauzy Beydoun tentaram despertar os ouvintes para questões de âmbito social, político, que envolvem o *reggae* e não deixá-los só atrelados ao ritmo musical. Porém, como as festas de *reggae* são majoritariamente produzidas nas periferias e frequentadas por pessoas que possuem dificuldades econômicas, normalmente pessoas com baixa renda e de problemas oriundos da sua condição social, o *reggae* adquiriu um caráter de diversão, “[...] as festas de *reggae* realizadas nas periferias da capital maranhense podem ser vistas como oportunidades de extravasar os problemas e frustrações da população, que enfrentam no seu cotidiano as dificuldades da pobreza” (FREIRE, 2010, p. 40). Nesse sentido, o *reggae* adquiriu mais um caráter de lazer e extravasamento de tensões sociais que uma ferramenta de contestação e de protesto.

O *reggae* indiscutivelmente é um fenômeno cultural gestado e cultivado na/pela periferia, tanto em São Luís, como na Jamaica. Contudo, segundo Freire (2010), entre a década de 1980 e 1990 outro público começou a surgir no cenário do *reggae* maranhense. Oriundos da classe média, muitos universitários e outros adeptos do ritmo começaram a frequentar os chamados “bares de *reggae*” que são

[...] bares voltados para classe média que tocam exclusivamente ou predominantemente *reggae*, são espaços com público diversificado pois a classe média (assim como as classes Populares), que considero aqui não é homogênea, mas formadas Por inúmeros

grupos e frações com interesses e gostos variados (FREIRE, 2010, p.113).

Essa criação não ocorreu de forma aleatória, ainda Beydoun (2008 apud FREIRE, 2010, p. 114) afirma que

As explicações parecem estar nas necessidades da classe média que, embora tenha começado a gostar do ritmo, não estava disposta a ir à periferia, onde se sabia pelos jornais que era perigoso e frequentado por um público [que] não fazia parte de sua mesma camada social.

É nesse panorama que a indústria do Turismo irá se interessar pelo *reggae* enquanto uma mercadoria cultural rentável e agora viável de ser apresentada para o turista, pois há agora, lugares que tocam *reggae* e que estão fora dos bairros considerados violentos, voltados para grupos sociais de maior prestígio econômico, aos quais pertence uma parcela dos turistas.

Percebemos que o *reggae* é um ritmo que foi praticado e preservado pela periferia de São Luís. O lugar por onde ele entrou na cultura ludovicense é um lugar majoritariamente do negro excluído, dos pobres e marginalizados. No entanto, aos poucos, por um incessante trabalho das mídias e de uma indústria que tem interesse em vender produtos culturais de natureza diversa, grupos de maior prestígio social e econômico aderiram a esse segmento, aproximando-se do ritmo, de forma diferente daqueles que originalmente apreciavam-no, considerados sujeitos perigosos. Por essa razão, criaram-se locais para que essa outra parcela da sociedade, a não marginalizada, pudesse entrar em contato com o *reggae*, tornando-o uma mercadoria turística, ressignificada em São Luís. Esse deslocamento só foi possível em face de uma maquinaria discursiva que deu novas configurações ao ritmo, imprimindo-lhe novos efeitos de sentido, novas identidades, em uma sociedade que busca o lucro incessantemente.

Segundo Michel Foucault, o discurso é um “número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência” (FOUCAULT, 2000b, p.153). O discurso tem como núcleo o enunciado, elemento “produzido por um sujeito, em um lugar institucional”, determinado por regras sócio-históricas (FOUCAULT, 2000b, p. 123), que se constitui pela função enunciativa, que tem por tarefa tornar uma frase, uma proposição ou um ato de fala em enunciado. O

sujeito do discurso é, pois, historicamente construído e nunca é o mesmo em enunciados iguais. Por ser operada por distintos sujeitos, a função enunciativa instaura efeitos de sentido diversos. Entender um enunciado consiste, pois, em identificar qual é “a posição que pode e deve ocupar um indivíduo para ser seu sujeito” (FOUCAULT, 2000b, p. 109). Foucault explica, ainda, a dinâmica do enunciado: segundo ele, esse elemento circula sempre de modo concêntrico, com outros enunciados, apontando, dessa maneira, para o caráter interdiscursivo dos discursos, para sua natureza heterogênea, portanto.

Nos enunciados abaixo, buscamos recortar discursividades que constroem, em *sites* de Turismo, a identidade de Jamaica brasileira. Nestes textos, é apresentada uma São Luís que respira o *reggae* e não o discrimina. Por meio de efeitos enunciativos e discursivos, os textos configuram o *reggae* como cultura compartilhada por todos na cidade, eliminando conflitos e preconceitos:

[...] São Luís é uma das capitais mais interessantes do Brasil, tendo muito o que fazer por lá. Como passeio pelo Centro Histórico, o qual foi restaurado, entre praças, ruas de pedra, escadarias e becos, casarões antigos, mirantes, igrejas e monumentos. Para curtir a natureza e muito sol, a Ilha de São Luís está cercada de belíssimas praias, como a Praia da Ponta d'Areia, Praia de São Marcos, Praia do Calhau e a Praia do Olho d'Água.

O *reggae* é predominante, conhecida como a capital do *reggae* brasileiro, acontecem espetáculos ao ar livre semelhantes aos sound systems jamaicanos, paredes de caixas de som pilotadas por DJs em meio as suas ruas e praças. A cidade não pára, é puro ritmo [...].
(A CAPITAL..., [2009], grifo nosso).

São Luís surpreende. Para começo de conversa, é capital duas vezes: tanto do Maranhão quanto do *reggae*. É também a única capital brasileira fundada por franceses (em 1612), apesar de que foram os portugueses a ditar sua história. A herança da colonização lusitana é vista em 3 500 prédios tombados - 1 100 deles declarados Patrimônio Cultural Mundial pela Unesco. A maioria das construções é dos séculos 18 e 19, e as mais conservadas (com belos azulejos nas fachadas) estão na Praia Grande, no centro histórico. A região moderna, com as praias e os principais hotéis e restaurantes, fica próxima à avenida dos Holandeses, do outro lado do rio Anil. Quanto ao *reggae*, bomba desde a década de 1970 em rádios, shows e casas noturnas, onde o ritmo jamaicano é dançado coladinho.(...)
(SÃO LUÍS..., [2009], grifo nosso).

Na década de 70, São Luís foi invadida por um ritmo que acabou por conquistar o coração de grande parte da população maranhense: o *Reggae*, que nos últimos anos se espalhou por todos os cantos da ilha e interior do Estado. Não se sabe ao certo, apesar dos estudos feitos inclusive em nível acadêmico, a origem do *Reggae* em nosso estado. Mas o certo é que, independente de sua origem, ele conquistou a juventude do Maranhão e, em especial, de São Luís.

Antes denominada de Atenas Brasileira, Ilha do Amor e Cidade dos Azulejos, nossa capital passou a ser conhecida como a Jamaica Brasileira, numa alusão ao *reggae* e sua terra de origem, mas temos nossas peculiaridades. São Luís é o único lugar onde as pessoas dançam o *reggae* ‘agarrados’, já que nos demais lugares as coreografias são individuais.

O *reggae* está tão difundido na cidade que já deixou de ser música de periferia e atinge todas as classes sociais e faixas etárias. Todas as rádios, sejam elas FM ou AM, têm programas específicos do ritmo, que somam as maiores audiências.

As roupas utilizadas pelos regueiros são coloridas como a bandeira da Jamaica; as músicas transmitem mensagens de amor, igualdade e solidariedade. O *reggae* maranhense espera por você (RAIZES..., [2009]).

Nesses enunciados, há um efeito de sentido que inscreve o *reggae* como manifestação unanimemente aceita, quando é destacado que ele é predominante, que ele “bomba”, que deixou de ser música de periferia. Segundo Fernandes (2007, p. 19), “as escolhas lexicais e seu uso revelam a presença de ideologias que se opõem, revelando igualmente a presença de diferentes discursos”. Desta afirmação, percebemos que ao selecionar a palavra “bombar” o efeito de sentido criado sinaliza uma plena aceitação do ritmo por parte de toda a população, suavizando conflitos identitários existentes e deslocando o lugar de manifestação deste ritmo, que é nitidamente pontuado na periferia da cidade, para um lugar indefinido. Constrói, assim, uma imagem sobre a cidade e o ritmo, alegando que esse ritmo é apreciado unanimemente por todos os moradores.

Outro fato notável na escolha lexical, que acarreta efeitos de verdade é o enunciado “espetáculo ao ar livre”. Nesse caso, a espetacularização criada pela mídia *internet* é bastante forte. A espetacularização construída pelo enunciado tem por objetivo criar no turista um desejo de visitar São Luís, para conhecer que cidade é esta em que em todos os dias há espetáculos ao ar livre, sendo a expressão “ao ar livre” um reforço do desejo de quem quer viajar, que é se divertir e relaxar ao mesmo tempo, em contato com a natureza. Esse imaginário idílico é somente criado porque

trava um diálogo com o sujeito para o qual ele é direcionado, como reforça Gregolin (2003, p. 98-99):

Os trajetos simbólicos, construtores do imaginário social, dependem de um diálogo entre sujeitos, enunciatóres (que fazem circular concepções de mundo) e enunciatários (que as interpretam, reconhecendo-as ou não). Nesses trajetos, através dos múltiplos imaginários, traduzem-se visões de mundo que coexistem, superpõem-se ou excluem-se enquanto forças reguladoras do cotidiano. O real é, pois, sobredeterminado pelo imaginário; nele, os sujeitos vivem relações e representações reguladas por sistemas que controlam e vigiam a parição de sentidos.

Ainda Gregolin (2003, p. 97) afirma que, “[...] o que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas da representação da sua relação com a realidade concreta”. Desse modo, as representações criadas não condizem plenamente com o real. O texto extraído do *site Viaje Aqui*, ao propor uma caracterização do regueiro, utiliza-se de um recurso típico das *mass media*, a produção de estereótipos. Caracterizar o regueiro como aquele que sempre se veste com roupas coloridas, assemelhando-se à bandeira da Jamaica é a generalização de uma forma de se vestir que não é compartilhada por todos os simpatizantes do reggae em São Luís. Esse enunciado cria em torno do *reggae* uma dimensão folclórica, diminuindo toda sua complexidade, distorcendo a concepção e estilo de vida que o regueiro leva. Freire (2010, p. 150) contribui ao realçar que “[...] a forma como o *reggae* é apreendido pelos veículos de comunicação é quase sempre esteriotipada e ambasada, às vezes, em preconceitos” como veremos a seguir.

Para a Análise do Discurso de linha francesa, no vão das coisas que o sujeito diz é possível identificar muitas vozes, identificar rastros de discursos que conscientemente o sujeito não poderia deixar fugir na superfície do que ele afirma. se por um lado, a indústria do turismo busca criar uma identidade para São Luís como Capital Brasileira do *Reggae*, apagando conflitos, rejeições dessa identidade dentro do próprio território ludovicense, por outro lado, existem enunciados que deixam entrever representações negativas sobre o *reggae*, no Maranhão, que ainda o associam à marginalidade, à violência, ou lhe conferem um lugar menor entre as identidades locais, conforme temos abaixo:

[...] São Luís é a cidade responsável pela fama de 'Jamaica Brasileira' que tem o Maranhão por causa do reggae. Os guias locais, porém, informam que é preciso escolher bem as festas de reggae para não ser pego de surpresa. A capital também tem vários restaurantes típicos e no centro velho é possível comer e beber ao som de voz e violão, além de visitar diversas casas de show com todos os tipos de música (HOTEL..., [2009], grifo nosso).

Como por um deslizamento de sentido permitido pelo, ao se utilizar do eufemismo “ser pego de surpresa” o enunciador pode querer apontar para o fato de que há perigo em algumas festas de o *reggae*, recuperando um discursividade sobre o reggae que o configura como manifestação perigosa, desordenada.

Além desse site, também encontramos em outra materialidade, um folder da Secretaria Municipal de turismo, um deslizamento de sentido, uma discursividade que confere ao reggae um lugar menor dentro das várias identidades da capital maranhense.

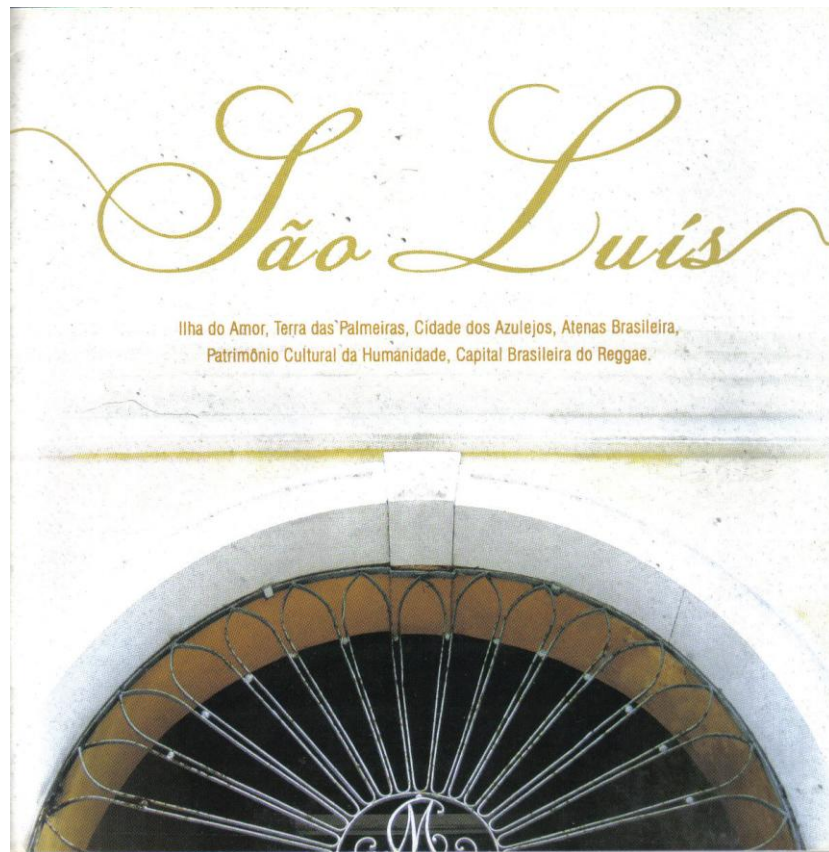


Figura 1 - Contracapa do folder da campanha: São Luís - Capital Brasileira da Cultura 2009.
Fonte: São Luís (2009)

Dois aspectos são relevantes para a percepção da construção e do diálogo das várias identidades de São Luís nesse espaço discursivo. A primeira é a decisão do órgão municipal não utilizar o epíteto de Jamaica brasileira, utilizando em seu lugar Capital Brasileira do *Reggae* – uma denominação mais sofisticada, já que a noção de Jamaica brasileira parece sugerir pobreza, por exemplo, numa prova de que o real da língua e o real da história dialogam. Como já dito acima por Fernandes (2007), a escolha lexical define qual ideologia está por trás do. A não associação com a Jamaica mais uma vez insinua a vontade de silenciar as origens do movimento regueiro do Maranhão. Porém, ao voltar-se ao cenário nacional e relacionar o *reggae*, não mais a sua origem marginalizada, mas, sim, à sua grande representatividade no Brasil através do epíteto Capital Brasileira do *Reggae*, percebemos o jogo mercadológico para a construção de efeitos de novos sentidos sobre a cultura regueira, no sentido de atrair o turista para conhecer aquela que é a referência do *reggae* no país, reforçando a cadeia produtiva do turismo.

Segundo Hall (2006, p. 68-69), “[...] desde os anos 70, tanto o alcance quanto o ritmo da integração global aumentaram enormemente”. Esse período coincide com o período em que o *reggae* começa a chegar a São Luís. A construção do discurso de que São Luís é a Jamaica brasileira insinua-se a partir desse movimento denominado globalização.

As novas combinações de espaço-tempo oriundas da intensificação do processo de globalização permitiram que o ritmo musical denominado *reggae* aporta-se em terras maranhenses e, mesmo que a priori não evidenciasse o seu caráter crítico e denunciador das mazelas que assolam a Jamaica, trouxesse consigo traços culturais jamaicanos. No entanto, esses traços não eram e não são comuns a todos os ludovicenses, antes, sim, à camada popular onde o *reggae* melhor se alojou. A população de baixa renda é que compartilhava com os jamaicanos, além da cor da pele, feridas sociais provocadas por uma política de exclusão, herança de uma cultura colonialista exploradora.

“Quando adotamos o ponto de vista da *Análise do Discurso*, focalizamos os acontecimentos discursivos a partir do pressuposto de que há um real na língua e um real da história” (GREGOLIN, 2003, p. 9). A partir do real da língua, tangível através dos textos de *sites* de turismo, podemos perceber os diversos silenciamentos, estereotipizações, generalizações com o intuito de gerar lucro para a

indústria do turismo, assim como através dos deslizamentos de sentido o preconceito contra aqueles que ainda hoje são a grande maioria dos que praticam a cultura do *reggae*.

Referências

A CAPITAL Brasileira do *Reggae*. [2009]. Disponível em:

<<http://ecoviagem.uol.com.br/brasil/maranhao/sao-luis/>>. Acesso em: 5 maio 2010.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. v. 1.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do discurso**: reflexões introdutórias. 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **A arqueologia do saber**. Trad. L. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000b.

FREIRE, Karla Cristina Ferro. **Que reggae é esse que jamaicanizou a Atenas brasileiro?** 2010. 217 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2010.

GREGOLIN, Maria do Rosário (Org.). **Discurso e mídia**: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOTEL em São Luís. Disponível em
<http://www.hotelinsite.com.br/cidades/sao_luis.html>. Acesso em: 5 maio 2010

IANNI, Octavio. **A sociedade global**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. 5. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

RAÍZES do reggae em festival no Maranhão. [2009]. Disponível em:
<<http://www.guiasaoluis.com.br/turismo/dancas/reggae.htm>>. Acesso em: 5 maio. 2010

SÃO LUÍS. Prefeitura São Luís cidade de todos. São Luís Capital Brasileira da Cultura 2009. São Luís, 2009. Folder.

SÃO LUÍS surpreende. [2009]. Disponível em:
<http://viajeaqui.abril.com.br/indices/edicoes/conteudo_238165.shtml>. Acesso em: 12 mar. 2010.

SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da. **Da terra das primaveras à ilha do amor: reggae, lazer e identidade cultural**. São Luís: EDUFMA, 1995.

_____. **Ritmos da Identidade: mestiçagem e sincretismos na cultura do Maranhão**. São Luís: SEIR/FAPEMA/EDUFMA, 2007.